

## JUVENTUDE E GERAÇÃO: a relação entre presente, passado e futuro

Juliana Thimóteo Nazareno Mendes <sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo tem como objetivo refletir sobre a juventude e a experiência do tempo presente, como o tempo da ação, das escolhas e da elaboração de projetos futuros. Contudo este tempo só adquire sentido na relação com o passado e o futuro, pois os jovens, ao viverem o presente e vislumbrarem um horizonte, ainda que nebuloso, o fazem tendo como referencial as diferentes condições de vida a que estão expostos, enquanto geração ou unidade geracional e as experiências de outras gerações, que são retomadas através das memórias coletivas e individuais.

**Palavras-chave:** Juventude, geração, tempo e memória

### ABSTRACT

This article aims to reflect on youth and the experience of present time, as the times of action, the choices and the development of future projects. But this time only makes sense in relation to past and future, because young people, to live the present and glimpse the horizon, albeit nebulous, do as reference the different conditions of life they are exposed, as a generation unit or and generational experiences of other generations, which are reproduced through collective and individual memories.

**Keywords:** youth, generation time and memory

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo a traçar uma breve reflexão sobre a relação da juventude com o tempo social. Esta reflexão é importante porque o jovem, ao realizar suas escolhas, o faz sobre circunstâncias concretas, que se expressam em um determinado tempo histórico e social, marcado pelas diversas fases do desenvolvimento do capital. Contudo, este tempo não é vazio, baseado apenas no marco cronológico, pelo contrário, ele é cheio de representações e sentidos construídos e atribuídos pelos sujeitos na relação que estabelecem com os momentos passados e futuros. Com isso, além de se questionar que tempo é este e como ele se

---

<sup>1</sup> Mestre. Universidade Federal Fluminense (UFF). [juliananazareno@yahoo.com.br](mailto:juliananazareno@yahoo.com.br)



caracteriza, é preciso compreender quais são os referenciais utilizados na condução das escolhas e ações.

Para alcançar o objetivo proposto, o ponto de partida é entender a juventude como categoria sócio-histórica e percebê-la na sua heterogeneidade, pois existem diferentes grupos juvenis que têm suas experiências influenciadas pelos espaços, tempos e contextos em que estão inseridos. Desta forma, o jovem é um sujeito social, que se produz e reproduz na própria realidade, na relação que estabelece com a natureza e com o lugar que ocupa na produção – sua classe social.

Assim, ao olharmos para as imagens difundidas a respeito da juventude o que se percebe é uma grande variação de concepções, em que os jovens ora aparecem como agentes propulsores de mudança social ora como problemas sociais, protagonistas de uma crise entre as gerações. Também se verifica uma imagem da juventude como fase de transição entre o mundo infantil e adulto.

Estas imagens pressupõem uma análise sobre os jovens que caminha em duas direções contrárias, mas que se interagem no âmbito das propostas sociais destinadas a esta população. De um lado, tem-se uma perspectiva que compreende os jovens pelo negativismo, ou seja, nem criança nem adulto, desconsiderando assim, a condição de decidirem sobre parte<sup>2</sup> de sua vida. Por outro lado, há imagens pautadas numa compreensão dos jovens como sujeitos de direitos, capazes de tomar decisões e influenciar os rumos da sociedade, através de uma ação política.

É possível afirmar que a imagem mais comum sobre a juventude é aquela como fase de transição entre criança e adulto. Esta imagem pauta o estudo aqui proposto, porque do acordo com Camarano (2004, p. 18) ela pode ser útil quando se deseja compreender os processos de inserção social e econômica dos jovens na vida social. Esta definição possibilita perceber que é na juventude que são tomadas algumas decisões e realizadas escolhas fundamentais em direção ao futuro. Neste sentido, é possível incorporar ao discurso sobre juventude, as categorias de temporalidade e historicidade, bem como traçar as relações entre presente e futuro, cujo as referências estão baseadas em um passado, muitas vezes, não distante.

## 2 A JUVENTUDE E O TEMPO PRESENTE: fragmentações e continuidades

---

<sup>2</sup> Cabe ressaltar que nenhum sujeito tem as condições necessárias para decidir sobre todos os aspectos da sua vida social,.

O tempo é uma categoria básica, através da qual se constrói a experiência, pois é no seu horizonte que os indivíduos ordenam suas escolhas e comportamentos, construindo pontos de referências para suas ações. É no entrecruzamento dos tempos – passado, presente e futuro - que se fortalecem e se produzem as subjetividades do sujeito que idealiza o seu futuro. Desta forma, o tempo presente se torna a referência central dos horizontes temporais na contemporaneidade, pois aparece como a única dimensão disponível para a definição das escolhas. Neste sentido, a relação da juventude com tempo presente é imediata, pois é neste tempo que os jovens realizam suas escolhas em direção a um futuro esperado.

Contudo, realizar a discussão sobre o entrecruzamento dos tempos é um grande desafio, pois os jovens se deparam, na vida cotidiana com as incertezas e o imediatismo gerados por uma sociedade que experimenta a crise do trabalho<sup>3</sup> e o consumismo de bens e produtos matérias e culturais.

Nas sociedades do passado, as incertezas do futuro estavam relacionadas às epidemias e guerras. A condição futura do indivíduo estava determinada pelo nascimento, pela história familiar e pelo contexto social. A relação entre tempo social e tempo de vida se dava – em especial para o sexo masculino – através de fases biográficas lineares: preparação para o trabalho (formação escolar); exercício do trabalho remunerado (fonte de identidade e signo da vida adulta) e aposentadoria. Estas etapas indicavam a juventude como um momento de transição, em que era possível pensar a relação entre identidade individual e identidade social. A certeza de alcançar autonomia era garantida pela passagem aos degraus mais altos de independência.

Contudo, nos tempos atuais, a relativa incerteza própria da juventude é multiplicada por incertezas que derivam das muitas (im-) possibilidades sociais e da variedade de cenários onde as escolhas podem estar situadas. Isso porque, a conjuntura atual se apresenta de forma complexa e desigual.

Embora este seja um processo comum a todos os jovens, são os jovens pobres os que mais experimentam as (im-) possibilidades sociais, já que sua condição impõe limites mais rígidos e definidos para a realização de escolhas e oportunidades.

---

<sup>3</sup> ANTUNES, 1997.

Além disso, a sociedade experimenta, de acordo com Harvey (1993), a compressão espaço-tempo<sup>4</sup> que acentua e impacta, de forma desordenada, as práticas político-econômicas e a vida social e cultural. Essa compressão, fruto da alteração do tempo de giro da mercadoria, tem como principal consequência a efemeridade das modas, produtos, técnicas de produção, processos de trabalho, idéias, ideologias, valores e práticas estabelecidos na sociedade. Ocorre a ênfase nos valores e virtudes da instantaneidade e da descartabilidade, em que mais do que jogar fora produtos, descarta-se valores, estilos de vida, pessoas, modos adquiridos de agir e ser, etc. Para o Harvey (1993), este impulso acelerador “golpeou” a experiência cotidiana comum do indivíduo, e criou na estrutura dos sistemas de valores pessoais e públicos a quebra do consenso e a diversificação de valores.

Desta forma, o tempo social, marcado pelos elementos citados acima, impede a construção de narrativas biográficas nas quais um evento possa se relacionar com outro e sendo capaz de condicioná-lo. Com isso, os indivíduos passam a experimentar o tempo de forma pulverizada, conduzindo para o tempo presente a perspectiva da tranqüilidade, da segurança, perdendo sua capacidade de organizar seu passado e seu futuro como uma experiência coerente.

É possível, então, afirmar que a trajetória biográfica linear não se constitui mais como regra, e sim exceção, pois desapareceram tanto a ordem e a irreversibilidade das fases da vida, como a moldura social que lhes garantia sentido global (MELLUCCI, 1997). A continuidade biográfica se torna cada, vez mais, fruto da capacidade individual de construir e reconstruir as molduras de sentido a despeito da moldura temporal presentificada. Como consequências, têm-se o desaparecimento da possibilidade de ancorar as experiências que os jovens realizam no mundo das instituições sociais e políticas e a perda da relação com o tempo social.

Com isso, Leccardi (2005, p. 49) afirma que “para os jovens, no centro dessa crise está a separação entre trajetórias de vida, papéis sociais e vínculos com o universo das instituições capazes de conferir uma forma estável à identidade.”

Contudo, acreditamos que ter consciência das condições apresentadas anteriormente, permite aceitar o presente e planejar o futuro como reconhecimento

---

<sup>4</sup> Para Harvey (1993:219) a expressão ‘compressão do tempo’ indica os processos que ‘revolucionam as qualidades objetivas do espaço e do tempo a ponto de nos forçar a alterar o modo como representamos o mundo para nós mesmos. Para ele, a história do capitalismo tem se caracterizado pela aceleração do ritmo da vida, ao mesmo tempo que acabaram as barreiras espaciais, a ponto de percebermos que o mundo ‘encolheu sobre nós’.

daquilo que fomos e do que podemos nos tornar. “Para os adolescentes de hoje, a experiência de tempo como possibilidade, mas também como limitação, é uma maneira de salvaguardar a continuidade e duração; uma maneira de evitar que o tempo seja destruído em uma seqüência fragmentada de pontos, uma soma de momentos sem tempo” (MELUCCI, 1997, p. 10)

Nesta perspectiva, é na experiência de geração, que encontramos os elementos que permitem construir elos temporais necessários à superação do tempo fragmentado.

### 3 A EXPERIÊNCIA GERACIONAL

O debate sobre geração se faz importante porque permite tecer considerações sobre o tempo contemporâneo, possibilitando identificar as questões universais que perpassam a vida dos jovens e que se particularizam na experiência cotidiana de cada grupo etário. É, também, na experiência da geração que os jovens se relacionam com o passado, rompendo ou dando continuidade aos valores e normas de conduta construídas pelas gerações anteriores, constituindo referenciais para a vida no presente e projetos futuros.

Para fundamentar as reflexões sobre geração serão utilizadas as considerações de Karl Mannheim (1982, 1983). De acordo com este autor, a discussão sobre geração deve perpassar a experiência de uma situação social comum que expõe seus membros a uma fase do processo coletivo. Ou seja, que existe uma situação social geral, um fenômeno comum a vários indivíduos dentro de um todo social. Essa similaridade de situação é definida através da especificação da estrutura na qual os grupos surgem na realidade histórico-social. Assim, os membros de uma geração compartilham experiências comuns e que por isso usufruem, juntos e contemporaneamente, os mesmos benefícios e opressões prefigurados pelo modo de inserção na vida social. (FORACCHI, 1972). Porém, não significa uma experiência igual a todos, ao contrário, a similaridade de locação se traduz pela ‘estratificação da experiência’ (MANNHEIM, 1983).

Para Mannheim, a situação geracional está baseada na existência de um ritmo biológico da vida humana – nascimento e morte – que faz com que indivíduos de uma mesma geração que nasceram no mesmo ano, sejam dotados de uma situação comum na dimensão histórica do processo social.



Embora, a situação de geração esteja baseada no ritmo biológico, ela não se reduz a isto, já que existe uma interação social entre seres humanos, uma estrutura social definida e uma história que faz da geração um fenômeno de localização social. Assim, pertencer à mesma classe, grupo etário ou geração tem em comum o fato de ambos proporcionarem aos indivíduos participantes uma situação comum no processo histórico e social, que os restringem a determinadas experiências e os predis põem a um modo característico de pensamento, experiência e ação.

Para Mannheim, os fatos fundamentais relativos às gerações são:

- a) Toda geração é seguida por outra. Significa que a cultura de uma sociedade não é desenvolvida pelos mesmos indivíduos, mas por indivíduos que entram em contato, de maneira diferente, com a cultura acumulada. Isso acaba por resultar, por um lado, na perda dos processos culturais acumulados, em função de uma avaliação e seleção do inventário cultural, e de outro, na continuidade dos valores e normas construídos coletivamente ao longo da história.
- b) Há o contínuo desaparecimento dos participantes no processo da cultura, fazendo com que haja tanto o esquecimento daquilo que não é mais útil, como a recordação do que foi realizado ou almejado. Contudo, para o autor, as experiências passadas só têm relevância quando são incorporadas concretamente no presente. Assim, a transmissão constante da herança cultural faz com que as gerações estejam em constante interação. Neste ponto está um elemento importante a ser considerado nas trajetórias juvenis, em especial na comparação com as trajetórias familiares, pois na medida em que são transmitidas as experiências realizadas ou não, cria-se uma espécie de “compromisso entre as gerações” (BRANDÃO, apud MARTINS, 2010).
- c) Os membros de uma geração participam apenas de uma seção temporalmente limitada do processo histórico e com isso, estão expostos à mesma fase do processo coletivo (similaridade de situação).
- d) A participação no destino comum da unidade histórica e social vai condicionar o debate em torno dos conceitos de geração enquanto realidade (geração real) e a unidade de geração. A geração real só é constituída quando se cria um vínculo concreto entre os membros de uma geração, através da exposição aos mesmos sintomas sociais e intelectuais. Com isso, jovens que vivem em um mesmo período não constituem, por si só, uma geração real. Pode-se dizer que os jovens que experimentam os mesmos problemas históricos concretos fazem parte da mesma geração real; enquanto aqueles grupos dentro da mesma geração real, que elaboram



o material de suas experiências comuns através de diferentes modos específicos, constituem unidades de geração separadas. (MANNHEIM, 1982, p. 87)

Desta forma, a constituição de uma geração depende de um acontecimento, ou uma série de acontecimentos que têm caráter único e que estruturam uma época, dando aos que nela vive uma representação mental e determinando comportamentos, práticas sociais, políticas e culturais específicas.

Com isso, os fundamentos elencados por Mannheim indicam alguns pressupostos que permitem construir a unidade sujeito-tempo-espço. O primeiro é que a partir do conceito de geração é possível refletir sobre as universalidades e particularidades. As idades da vida (cronológica) são retomadas, pois se tornam demarcadoras de um período que não é estático e muito menos homogêneo. As idades permitem fazer um recorte, construir quadros, que olhados de perto se mostram animados, em constantes e intensos movimentos. Estes quadros permitem vislumbrar e analisar, não apenas as situações comuns a todos aqueles neles inseridos, mas também as particularidades dos movimentos. Sob os atravessamentos do tempo e do espaço, existe um indivíduo que movimenta estes quadros a partir de suas relações, seja com os outros sujeitos, seja com a natureza.

Outro pressuposto a ser considerado é a similaridade de situação e unidade de geração. Este permite compreender que de fato não existe uma juventude, mas juventudes, pois a forma como se passa por este período está condicionada ao tempo, ao espaço e aos sujeitos. Ao tempo porque, apesar da mera contemporaneidade cronológica, não produzir, por si só, uma situação de geração, faz com que os indivíduos estejam expostos a mesmo momento do processo coletivo, sujeitos a uma situação comum. Porém, para que estes indivíduos vivenciem uma situação comum, é necessário que estejam numa posição para experimentarem os mesmo acontecimentos, como um grupo integrado, mas que será absorvida de forma diferenciada.

Neste aspecto, a condição de classe social é um elemento importante. Os jovens pobres, filhos de trabalhadores, estão sujeitos ao mesmo processo de exclusão-inclusão das políticas sociais, do mercado de trabalho, das instâncias decisórias, etc. Porém, a forma como estas experiências são vivenciadas e apropriadas pelos sujeitos são estratificadas, possibilitando a formação de unidades de geração.



O conceito de geração também permite a análise intergeracional, pois parte da premissa da sucessão e transição geracional. Nesta transição, os sujeitos de uma geração se relacionam com os de outra, construindo identificações ou não, dando prosseguimento ou rompendo com as gerações passadas. Assim, “destaca-se a questão da intergeracionalidade como elo que associa experiência e memória, assim como passado e futuro” (MARTINS, 2010, p.19)

Neste processo, a discussão sobre a memória juvenil ganha relevância. De acordo com Halbwachs (2006), o indivíduo participa de dois tipos de memória: a memória individual e a memória coletiva. A memória individual é formada por lembranças que se agrupam em torno de uma determinada pessoa, que as interpreta do seu ponto de vista, formando parte da sua personalidade. Mesmo sendo comum a todos, ela é única para cada indivíduo. Já a memória coletiva é constituída pelas lembranças que se distribuem dentro de uma sociedade, ou grupo, sendo composta por imagens parciais.

Neste sentido, acreditamos que os jovens, no tempo presente, resgatam estas memórias, reelaboram a partir das experiências cotidianas próprias de sua geração e/ou unidades de geração e buscam construir alternativas futuras, nem que seja para um futuro imediato, diante das grandes (im) possibilidades sociais.

Assim, concluímos que, apesar do tempo se apresentar na aparência, como um tempo vazio, fragmentado e, por isso, fragmentador do sujeito, sem história, vazio de representações, na essência este tempo não é desprovido de passado. Conseqüentemente, o sujeito é cheio, completo, pois traz as marcas não só de um passado individual, mas também, de um passado coletivo determinado pelos grupos sociais e pela sua condição de classe. Neste sentido, este tempo presente, na relação com o passado e futuro dão sentido aos desejos e aos projetos dos jovens.

#### 4 BIBLIOGRAFIA

CAMARANO, Ana Amélia (et all). Caminhos para a vida adulta: as múltiplas trajetórias dos jovens brasileiros. **Ultima década**. Nº 21, CIDPA VALPARAISO, diciembre, 2004.

BRANDÃO, Carlos R. **Memórias do Sertão: cenários, cenas, pessoas e gestos nos sertões de João Guimarães Rosa e de Manuelzão**. São Paulo: editorial Cone Sul/Ed. UNIUBE, 1998.





HARVEY, David. **Condição Pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1993.

HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva**. São Paulo: Centauro Editora, 2006.

LECCARDI, Carmem. **Por um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo**. Tradução Noberto Luiz Guarinello. Disponível em: [www.scielo.br/pdf/ts/v17n2/a03v17n2.pdf](http://www.scielo.br/pdf/ts/v17n2/a03v17n2.pdf)

MANHEIM, Karl. O problema da juventude na sociedade moderna. In: BRITO, S. (org.). **Sociologia da Juventude I**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

\_\_\_\_\_. O problema sociológico das gerações. In: FORACCHI (org.). **Manheim**. São Paulo: Ática, 1982.

MARTINS, Carlos Henrique dos Santos. **Memória de Jovens: diálogos intergeracionais na cultura do charme**. Tese de Doutorado. Universidade Federal Fluminense. Programa de Pós Graduação em Educação. Doutorado em Educação. Niterói. 2010.

MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. **Revista Brasileira de Educação**. Anped: edição especial n. 5 e 6, 1997.